

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

CRISLAYNE RÉGIA ODILON DA SILVA
MARIA SILMARA CANUTO DA SILVA
SEVERINA DE OLIVEIRA BARROS

**O ANALFABETISMO FUNCIONAL DOS ALUNOS
NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
DA ESCOLA PÚBLICA**

RECIFE/2021

CRISLAYNE RÉGIA ODILON DA SILVA
MARIA SILMARA CANUTO DA SILVA
SEVERINA DE OLIVEIRA BARROS

**O ANALFABETISMO FUNCIONAL DOS ALUNOS
NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA
ESCOLA PÚBLICA**

Artigo apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Professor Orientador: Esp. Hugo Christian de Oliveira Felix

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

S586a Silva, Crislayne Régia Odilon da.

O analfabetismo funcional dos alunos nos anos finais do ensino fundamental da escola pública. / Crislayne Régia Odilon da Silva, Maria Silmara Canuto da Silva, Severina de Oliveira Barros. - Recife: O Autor, 2021.

23 p.

Orientador(a): Esp. Hugo Christian de Oliveira Felix.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA. Licenciatura em Pedagogia, 2021.

Inclui Referências.

1. Analfabetismo funcional. 2. Aluno. 3. Escolarização. 4. Professor. 5. Ensino. I. Silva, Maria Silmara Canuto da. II. Barros, Severina de Oliveira. III. Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA. IV. Título.

CDU: 37.01

Eu dedico este trabalho ao meu Criador, Redentor e Consolador, o Deus trino. Pois, sem Ele não há propósito para a minha existência. Que, o meu Senhor, receba esse trabalho como expressão de agradecimento por ter me direcionado e me sustentado durante todas as circunstâncias. “Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele seja a glória para sempre. Amém!”
(Silmara Canuto)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço profundamente pela minha equipe. Obrigada por fazerem parte deste trabalho acadêmico e me agregar tanto conhecimento, por me disciplinar quando eu precisei; obrigada pela troca de saberes e experiências. Foi maravilhoso estar com vocês nesta jornada. Quero muito agradecer ao meu marido e sua família, eles foram essenciais para minha trajetória acadêmica, sem eles não teria concluído, serei eternamente grata. A caminhada até aqui não foi fácil, mas a graça do nosso bom Deus nos ajudou e com isso conseguimos concluir o nosso curso para fazer a diferença como pedagogas. Direciono meu agradecimento aos professores que nos acompanharam e nos ensinaram tanto, e que de alguma forma deixaram muitas contribuições para nós. Hoje, concluímos nosso TCC preparadas para proporcionar a diferença em qualquer lugar. (Crislayne Odilon)

Agradeço a Deus pela vida. Aos meus pais por me receber como sua filha. Também sou imensamente grata aos meus filhos pelo apoio nas horas mais desafiadoras da minha vida. Minha filha Marina Oliveira, por me orientar e ajudar no percorrer do curso. Agradeço a Crislayne Odilon e Silmara Canuto pela oportunidade que tivemos de desenvolver esse trabalho com tantos desafios e juntas ao longo do curso de Pedagogia, nos relatórios, nas pesquisas, pela paciência para comigo. Por fim, os meus sinceros agradecimentos a todos os professores que contribuíram para a construção do meu aprendizado ao longo dessa jornada. Estou transbordando de um sentimento de gratidão por tudo e muito feliz pela minha superação. (Severina de Oliveira)

Agradeço o empenho das minhas parceiras de trabalho, pois juntas conseguimos trilhar esta trajetória de forma equilibrada. Também expressei meu agradecimento a minha amiga Gabriela Moura, que nos ajudou com as suas dicas valiosas, deixando o trabalho ainda melhor. Igualmente, agradecemos aos orientadores: Carolina Pires, Aliciana Barros e Hugo Felix, que foram essenciais no decorrer desse processo, assim desejamos sucesso sem medida na vida de vocês. (Silmara Canuto)

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige a alguém. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

(Bakhtin)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO.....	08
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	08
3.1 Subtópico.....	08
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	08
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	14
REFERÊNCIAS.....	15

O ANALFABETISMO FUNCIONAL DOS ALUNOS NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA PÚBLICA

Crislayne Régia Odilon da Silva
Maria Silmara Canuto da Silva
Severina de Oliveira Barros
Hugo Christian de Oliveira Felix¹

Resumo: Este trabalho tem por intento demonstrar as causas e consequências do analfabetismo funcional dos alunos nos anos finais do ensino fundamental da escola pública brasileira. A partir de análises em diferentes fontes, foi possível realizar uma pesquisa bibliográfica sobre esse tema, assim através de levantamento de dados conseguimos material para elaborar este projeto. Dessa forma, verifica-se que o analfabetismo funcional ainda se apresenta como um agravante na educação pública do Brasil, uma vez que esta problemática reduz as oportunidades de inclusão social por causa de diversos fatores. Por isso, esse problema manifesta-se de modo a limitar imensamente o crescimento do aluno em todos os aspectos da sua vida, fazendo-o se sentir, muitas vezes, incapaz de corresponder a certas demandas, porque não atingiu o nível adequado de letramento que pudesse possibilitar a interpretação/compreensão de vários gêneros textuais dentre outras competências e habilidades que são desenvolvidas e aprimoradas em um sistema de ensino de boa qualidade. Fica perceptível que os primeiros anos de escolarização são fundamentais para sustentar e aprimorar os anos seguintes até a conclusão do ensino básico, pois esse percurso não pode ser vivenciado de forma a isolar os saberes, cada etapa serve de alicerce para o aluno atingir o sucesso posteriormente. A família, a escola e a sociedade exercem um papel de enorme relevância durante a escolarização. Portanto, os atores deste processo de ensino-aprendizagem precisam atuar em conjunto para propiciar ao aluno o conhecimento de forma eficaz.

Palavras-chave: analfabetismo funcional; aluno; escolarização; professor; ensino.

1 INTRODUÇÃO

Falar sobre analfabetismo de forma geral não é algo tão simples como pensamos, porque os fatores que possivelmente contribuíram para este estado podem se apresentar de diversas maneiras. Pois, no campo educacional, há um

¹ Professor da UNIBRA. Especialista em Gestão Educacional. E-mail: hugo.christian@grupounibra.com

percurso que precisa ser vivenciado com muito empenho desde a primeira infância, na qual a aprendizagem da criança é baseada nos conteúdos e nas práticas que ela participa dentro do ambiente escolar, podendo se estender para o seu lar. Para além disso, também devemos incluir o importante papel da família nesse processo de apropriação do conhecimento, conseqüentemente o aluno se sente mais estimulado para estudar quando recebe o apoio emocional e intelectual dos seus pais ou responsáveis.

Podemos imaginar este processo educacional semelhante ao que ocorre na agricultura, que a plantação precisa ser semeada e receber todos os cuidados durante o cultivo para proporcionar bons frutos, boa colheita. O educador é o semeador das sementes de conhecimento e o aluno é o solo que recebe muita preparação para produzir uma boa colheita:

o primeiro encontro é momento de plantar, pois a colheita virá no devido tempo, com o fruto plantado. Por mais árduo que seja este trabalho de plantar a semente, é necessário fazê-lo com boa vontade e acreditar que o solo será sempre produtivo (ANDRADE, 2014, p. 15).

O processo de ensino-aprendizagem realizado durante a escolarização, envolve o profissional de educação, o educando e precisa ser reforçado em casa junto à família, ele tem como objetivo fundamental fazer o educando adquirir as competências da leitura e da escrita. Esta preparação acontece no percurso a partir do jardim de infância para se aperfeiçoar ao longo da jornada escolar de cada aluno. Entretanto, muitas vezes, a realidade evidencia um ensino repleto de déficits, durante o qual, os integrantes do âmbito educacional, a família e a sociedade como um todo não sabem lidar com certas dificuldades.

Devemos como docentes pensar em como iremos despertar o interesse destes alunos pelo conhecimento, fazer com que eles entendam o real motivo de uma avaliação e para que ela serve nesse processo educacional. Assim, Andrade (2014), ressalta que é muito importante aplicar a avaliação continuada no decorrer da construção do conhecimento, visto que a ação de avaliar os alunos significa incluí-los no universo da aprendizagem. O educando deve compreender que uma avaliação vai muito além de reprovar ou passar de ano.

A metodologia de algumas escolas públicas brasileiras mostra um afastamento do conceito de internalização do conhecimento, ou seja, é como se a aprendizagem não fosse encarada como um acontecimento de grande relevância, em que há muita complexidade nesse processo educativo formal, no qual uma das

principais funções da escola é a de formar o futuro cidadão. Porquanto toda a preparação do planejamento pedagógico e a execução dele devem estar centradas na finalidade de promover o aprendizado efetivo dos alunos:

sobretudo, que o aluno de maneira individual consiga assimilar adequadamente os conteúdos expostos em sala de aula. Logo, isso não pode ser visto como um tipo de utopia, mas como um trabalho específico a ser realizado de acordo com cada contexto escolar, para fazer o percurso de ensino e aprendizagem gerar bons resultados para todos os envolvidos (DOLABELA, 2015, p. 06).

Outra face deste problema está explícita nas escolas hierarquizadas pelo sistema tradicional de ensino que se propagam como instituições meritocráticas preparadas para reduzir o conhecimento, segundo o relatório feito por Cabral, Carvalho e Ramos (2004), a prática pedagógica autoritária acaba gerando situações de conflitos, prejudicando o relacionamento de professor e aluno, o primeiro faz da sala um local onde tudo é estabelecido por ele e pelas normas da instituição, acatadas passiva e comodamente vendo o aluno como um receptor de conhecimentos; neste caso não há espaço para discussão, nem momento para esclarecimento de dúvidas.

Pois, às vezes, essas escolas estão mais preocupadas com a repercussão quantitativa dos seus resultados ao invés de investirem mais na qualidade da aprendizagem. A hierarquia absoluta inibe a criatividade e não dá espaço para os professores renovarem, tampouco de instigar a mente brilhante da criança por meio de novos recursos que podem ser usados intencionalmente em sala de aula.

As sequelas do analfabetismo funcional são muito graves para o desenvolvimento do país. A princípio, essa problemática demonstra o quanto nosso sistema educacional é falho, afinal, esse problema está relacionado ao domínio da norma culta padrão da língua portuguesa, nas competências de leitura que abarcam a interpretação e compreensão dos gêneros e tipos textuais, como também na habilidade de compreender enunciados de operações matemáticas de nível básico, e isso afeta a desenvoltura dos alunos em outras disciplinas.

Os índices de profissionais desempregados por não atenderem aos requisitos mínimos de um currículo profissional são elevados. Desse modo, compreendemos que, ao conquistar um diploma, a pessoa pode não estar preparada o suficiente para atender às demandas impostas no meio social, muito menos no mercado de trabalho. Talvez não seja capaz de efetuar uma comunicação transparente; de interpretar o contexto no qual ela está inserida, por certo as restrições são diversas.

Diante disso, o intuito desse artigo é demonstrar as causas e as consequências do analfabetismo funcional dos alunos nos anos finais do ensino fundamental da escola pública. O analfabetismo funcional reduz as oportunidades de inclusão social e empregabilidade, faz a pessoa se sentir incapaz quando percebe esse impedimento, isso também interfere na autoestima do indivíduo, fazendo-o ter vergonha de se expressar pela fala e escrita. Além disso, vimos como esta dificuldade apresenta-se de modo a limitar profundamente o crescimento do indivíduo, imaginamos como um profissional de qualquer área conseguiria êxito com esse tipo de limitação, com essa falta de compreensão e interpretação:

a reprovação e o conselho de classe não deveriam ser parceiros. A reunião de professores para esse momento de informação e decisão deveria ser para tentar salvar quem está precisando de ajuda. Nem todos poderão ser salvos, mas o auxílio necessita ser prestado, a mão amiga deve ser estendida, pois a grande meta da educação não é derrubar quem está à beira do abismo, e sim encorajar uma mudança significativa para vida dos educandos (ANDRADE, 2014, p. 93).

A autora (ANDRADE, 2014), em seu livro sobre afetividade na sala de aula, aborda a reprovação como uma alternativa para conscientizar o aluno sobre seu processo de aprendizagem. É através de uma oportunidade concedida que o professor consegue transformar seu aluno, os seus conceitos e as suas atitudes. Dessa forma, é de suma importância a colaboração dos pais na vida escolar dos seus filhos, os pais precisam criar o hábito de ler com os filhos no ambiente doméstico, ajudando-os a melhorar suas experiências com a leitura.

No entanto, é evidente que nem todos os pais disponibilizam de tempo e conhecimento formal para executarem esta atividade, ainda mais no contexto de ensino público, no qual grande parte das famílias está numa situação socioeconômica muito difícil. A reprovação de um aluno não significa que ele é incapaz de aprender ou que não há mais chance, mas que irá se preparar melhor para a etapa posterior, ter uma nova oportunidade de capacitar-se de forma justa.

2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

O método proposto neste trabalho, visa elaborar as etapas exigidas por esta produção acadêmica a fim de possibilitar a compreensão das informações apresentadas aqui. Com isso, no tocante ao delineamento metodológico, utilizaremos a pesquisa bibliográfica que está apoiada em tal conceituação:

a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas (GIL, 2002, p. 44).

A partir disso, desenvolvemos a pesquisa bibliográfica através do seguinte percurso metodológico; identificação da problemática da pesquisa e a questão norteadora. Buscamos o material de estudo com base em fontes bibliográficas via pesquisas na internet pelos sites: RI UFPE; SCiELO.org; BDTD; Unibra Centro Universitario Brasileiro; Portal. Periodicos. CAPES; Scribd, entre os quais utilizamos com mais frequência o site SCiELO, por questão de familiaridade, isso facilitou o processo. Posteriormente, deu-se início à estruturação do pré-projeto, pesquisamos a literatura diante dos criterios de inclusão e exclusão: esta etapa desenvolveu-se com o objetivo exploratório. Logo, embasamos este aspecto nas palavras do escritor Antonio Carlos Gil (2002, p. 41):

Estas pesquisas exploratórias: têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

Portanto, neste íterim, temos como principais autores para fundamentação teórica os seguintes: Cleber Cristiano Prodanov e Ernani Cesar de Freitas (2013); Fabiana Andrade (2014); Antonio Carlos Gil(2002); Ceris Salete Ribas da Silva (2010); Sonia Kramer (2001); Kátia Stocco Smole (2018); Instituto Paulo Montenegro e ONG Ação Educativa (2018).

Para isto, escolhemos a abordagem qualitativa porque se enquadra melhor ao tipo deste trabalho e com as conceituações anteriores, pois segundo os autores Cleber C. Prodavoc e Ernani C. de Freitas (2013, p. 113):

A análise qualitativa depende de muitos fatores, como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Podemos, entretanto,

definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a sua categorização, sua interpretação e a redação do relatório .

Neste tipo de abordagem qualitativa, considera-se que há uma relação dinâmica entre o aspecto objetivo e o subjetivo, isto é, os fatos concretos estão sujeitos às interpretações subjetivas dos pesquisadores e, muitas vezes os significados atribuídos dependem da perspectiva de cada indivíduo.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

É primordial compreender que os primeiros anos de escolarização servem de fundamentação para amparar a progressão entre as etapas dos anos iniciais e finais do ensino fundamental, como também para o cumprimento da Educação básica de mais de 12 anos do sistema educacional brasileiro. Assim, pode-se confirmar este pensamento no seguinte trecho:

em síntese, podemos concluir que a ampliação do ensino fundamental para nove anos traz uma nova realidade para as práticas de ensino nos primeiros anos de escolaridade. Contudo, para que essas mudanças se tornem de fato um dos fatores que podem contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, é fundamental que os professores alfabetizadores se conscientizem de que as crianças das escolas públicas, em sua maior parte expostas a processos de exclusão social, são capazes de aprender como quaisquer outras, não possuindo, portanto, deficiências cognitivas, linguísticas, culturais ou comportamentais. Portanto, é nossa responsabilidade, como educadores, assegurar a essas crianças que chegam à escola mais cedo oportunidades de acesso e domínio da leitura e da escrita (SILVA, 2010, p. 43).

Segundo a autora Smole (2018), é necessário haver uma observação do que caracteriza os adolescentes dos anos finais, e o que diferencia o estudante em cada etapa da escola. Dessa forma, durante a elaboração do plano político pedagógico da instituição educacional, é importante direcionar a atenção às características do aluno em cada fase escolar, para suprir as suas necessidades de maneira específica.

Campione, Brown e Connell (1989 *apud* MOLLICA *et al.*, 2020), afirmaram que as práticas educacionais padrão, ou seja, as tradicionais, no que diz respeito à instrução e avaliação, não fizeram previsão para a inclusão de habilidades nos processos cognitivos. Isso teve impactos negativos para os alunos. Por conseguinte, Mollica *et al.* (2020, p.87) destacam que,

especificamente, os estudantes não estão cientes das razões pelas quais habilidades e procedimentos são ensinados. Raramente, são dados

ensinamentos explícitos em relação à orquestração, gestão e uso apropriado dessas habilidades. E eles raramente são obrigados a refletir em suas próprias atividades de aprendizagem. Por isso, há nos alunos uma defasagem dessa capacidade de reflexão sobre seu próprio processo de ensino aprendizagem.

Estes autores mostram que os educandos precisam enxergar sentidos nos conteúdos que estão sendo incorporados em sala de aula no cotidiano escolar, pois através dessa agregação de significados eles terão mais capacidade para utilizar as aprendizagens nas suas rotinas. Uma vez que o aluno necessita de conscientização sobre a relevância da educação formal no seu percurso formativo nas muitas instâncias da sociedade. Na competência leitora, o aluno carece atribuir sentidos e compreender o texto como um todo coerente, para ser capaz de refletir sobre ele, de criticá-lo, de saber como usá-lo em sua vida.

Acerca do analfabetismo funcional, a educadora Matta (2009) ressalta que, pessoas que se alfabetizam não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita na sua vida, ou seja, apesar de passarem pelo nível da alfabetização e serem considerados alfabetizados, não têm competência para utilizar a leitura e a escrita para envolver-se no meio social geral.

Geralmente, são sujeitos que não sabem preencher um formulário, um requerimento, uma declaração, às vezes sentem dificuldades até para redigir um bilhete, não encontram informações num enunciado simples, num contrato, numa conta de luz. Esse fenômeno caracteriza o que se chama de analfabetismo funcional. Como afirma Soares (1998, p.45-46),

à medida que o analfabetismo vai sendo superado, que um número cada vez maior de pessoas aprende a ler e a escrever, e à medida que, concomitantemente, a sociedade vai se tornando cada vez mais centrada na escrita (cada vez mais grafocêntrica), um novo fenômeno se evidencia: não basta aprender a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática de leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais de escrita.

Mollica *et al.* (2020) observa o seguinte, o indivíduo letrado expande narrativas pessoais autocentradas para gêneros que exigem operação de discurso indireto e que supõem o emprego de estratégias gramaticais complexas, como construções passivas. É relevante que o ensino contemple diferentes letramentos, dentre os quais poderiam ser destacados o literário, o jornalístico, o midiático, o científico, o do lazer, assim os alunos podem explorar o universo da leitura dos

diferentes textos que circulam socialmente, isso deve ser um compromisso assumido pela escola.

Logo, a trajetória de alfabetização e a de letramento são indissociáveis para conferir ao estudante o êxito no decorrer de todo seu processo de ensino-aprendizagem. Os professores são partes importantes nessa construção, sua atribuição não pode ser esquecida ou menosprezada, de modo que eles agem como mediadores entre o conhecimento e o aluno.

Nesta perspectiva, a escritora refere-se aos múltiplos motivos que geram uma atmosfera repleta de dificuldades para a escolarização dos alunos. Ela expõe a realidade da qualidade do sistema educacional brasileiro, e quais são os possíveis empecilhos e atrasos no desenvolvimento pleno do educando, sendo estes:

é importante lembrar que, no Brasil, muitas crianças e jovens das camadas populares permanecem anos na escola sem se tornarem leitores, sem adquirir familiaridade com os processos de escrita, ou mesmo sem aprender a resolver problemas simples de matemática. Muitos são os estudos sobre o chamado fracasso escolar no Brasil que apontam a inadequação da escola: professores e equipes com frequência não sabem lidar com diferenças culturais, valores, classes sociais, práticas, hábitos e linguagens, tendo enorme dificuldade de ensinar crianças que provêm das famílias pobres, com pouco acesso a contextos, produtos e materiais escritos. Esses conflitos pedagógicos, os baixos salários e as condições precárias de trabalho historicamente vêm contribuindo para gerar o fracasso escolar e suas consequências sociais e educacionais (KRAMER, 2001, p. 153).

Seguindo o relato de Ribeiro (2001), é indiscutível o fato de que a alfabetização funcional é uma necessidade para todas as pessoas que integram sociedades modernas, promovendo para elas meios de desempenhar várias atividades, associadas à carreira profissional ou ao âmbito doméstico, meios de melhorar o exercício efetivo de direitos e responsabilidades de cidadania. De acordo com isso, o aluno deve ser preparado para ter autonomia a partir daquilo que aprendeu, para poder ter uma relação continuada e prazerosa nos estudos.

Há muito tempo, a educação convencional está perpetuando a ideia de que o educando aprende por causa de que ele decorou o conteúdo e se tornou um copista. Outras vezes, dedicam mais esforços a avaliações de larga escala no decorrer do ano letivo, se mostrando altamente preocupados com a pontuação da instituição nas classificações escolares do que com a qualidade do ensino.

Dessa maneira, alguns educadores avaliam os alunos como alfabetizados, sem medir o nível dessa alfabetização, assim o que vemos atualmente é um método no qual o aluno não aprende o básico e passa de ano sem ao menos saber ler uma

frase e compreender o que está lendo, isso acarreta problemas diversos na sua construção do conhecimento.

Para Ribeiro (2001), “o valor do acesso à leitura e à escrita reside também no fato de serem meios para aprender outras habilidades, ampliando a autonomia das pessoas com relação à autoaprendizagem e à educação continuada.”

Deste modo se o programa nacional de educação fosse aplicado para todos de modo igual, haveria mais alunos preparados e adultos capazes de compreender uma leitura de nível básico. Aliás, muitos chegam à fase adulta com o título de analfabeto funcional, depois de terem passado muitos anos frequentando uma instituição de ensino formal, e quando procuram evoluir em sua jornada de vida sentem uma imensa dificuldade na interpretação e compreensão do mundo.

O Indicador de Alfabetismo Funcional do Instituto Paulo Montenegro e da ONG Ação Educativa (2018, s. p.) fala que:

é considerada analfabeta funcional a pessoa que, mesmo sabendo ler e escrever algo simples, não tem as competências necessárias para satisfazer as demandas do seu cotidiano e viabilizar o seu desenvolvimento pessoal e profissional.

O nível do analfabetismo funcional no Brasil ainda é bem significativo, pois esse reflexo complica a trajetória do jovem adulto que segue na sua vida com a compreensão do letramento demonstrando certo grau de defasagem na apropriação do saber, do compreender e da continuidade no seu desenvolvimento pessoal, cultural e social.

O grau de dificuldade que perpassa de ano a ano na alfabetização é lamentável, é um processo que há muito tempo persiste na história da educação brasileira, atrapalhando o desenvolvimento intelectual e profissional de muitos jovens, porque se essa deficiência não for corrigida durante a alfabetização o resultado será ainda mais danoso com o passar dos anos.

É de suma importância o ato da interpretação de texto na vida do ser humano, pois essa competência não se restringe apenas ao fato de um aluno conseguir ler certo texto nas disciplinas de Literatura e português, levando em consideração toda a complexidade do escrito, mas também desenvolver a capacidade interpretativa nas demais disciplinas, por exemplo: interpretar uma questão mais complexa na matéria de matemática.

Desta forma, não basta apenas os responsáveis pela educação afirmarem que a alfabetização constitui o objetivo prioritário; é preciso apresentar outras ações práticas, devemos ter em mente que ensinar é criar bons hábitos e incentivá-los na rotina educacional. Porque é notório que muitos educandos não possuem acesso à diversidade de livros no contexto familiar, nem são estimulados a crescer nessa área. Por isso, a escola precisa planejar estratégias para alcançar o ambiente familiar de cada aluno, buscando integrar os relacionamentos para melhor suprimento das necessidades dos alunos (ANDRADE, 2014).

Este contato com o universo da leitura deve começar na primeira infância, de modo a haver uma progressão que se desenvolva de forma dinâmica e leve. Diante disso, é recomendado inserir os alunos mais jovens em projetos de leitura como uma iniciativa favorável ao crescimento pessoal deles, pois por intermédio do universo literário conseguimos construir um jovem com consciência crítica. Desse modo, são necessárias, muita leitura, prática intensa de escrita e reflexão os textos falados, lidos e escritos desde os primeiros anos de escolarização, de forma gradativa e processual.

Estes projetos são de extrema importância para despertar no adolescente a maturidade de que ele precisa evoluir nesse campo para se tornar um profissional competente e um cidadão habilidoso, que consegue analisar os dados e os argumentos que aparecem diariamente no seu meio de convívio, e assim possui a capacidade de formular um pensamento crítico e reflexivo. Infelizmente, o analfabetismo funcional é um problema antigo, o qual vem se perpetuando até esta nova geração, em que não enxergamos uma melhoria significativa (ANDRADE, 2014).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta discussão, partimos da teoria de alfabetização, na qual uma pessoa alfabetizada pode ser definida como aquela que realiza a ação de apropriar-se do alfabeto, da ortografia da língua que se fala, em nosso caso, a língua portuguesa. Isso quer dizer que ela domina um sistema muito complexo de representações e de regras de correspondências entre letras (grafemas) e sons da fala (fonemas).

O termo alfabetização designa o ensino e o aprendizado de uma tecnologia de representação da linguagem humana, a escrita alfabético-ortográfica. O domínio dessa tecnologia envolve um conjunto de conhecimentos e procedimentos relacionados tanto ao funcionamento desse sistema de representação quanto às capacidades motoras e cognitivas para manipular os instrumentos e equipamentos de escrita. (BATISTA e SOARES, 2007, p. 24)

Não se pode pensar em analfabetismo funcional sem nos remeter ao processo de alfabetização, lembrando-nos do seu conceito e sua funcionalidade. Logo, é necessário enfatizar que esse percurso precisa ser estabelecido e vivenciado de forma intencional, de modo que os professores e alunos estejam cientes dos objetivos que pretendem alcançar nesse processo de aprendizagem. Pois, se essa trajetória não for cumprida com qualidade, de maneira integral, os passos posteriores serão afetados pelas lacunas que se agravarão com o passar do tempo de escolarização.

Diante disso, os resultados das avaliações de longa escala são alarmantes, por causa do baixo nível de consolidação do conhecimento por parte dos educandos avaliados. Assim, observamos que esses dados comprovam uma realidade desanimadora com relação ao nível de leitura e de escrita dos estudantes brasileiros nos anos finais do ensino fundamental.

O maior estudo sobre educação do mundo, o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), apontou que o Brasil tem baixa proficiência em leitura, matemática e ciências, se comparado com outros 78 países que participaram da avaliação. A edição 2018, divulgada mundialmente, revela que 68,1% dos estudantes brasileiros, com 15 anos de idade, não possuem nível básico de matemática, o mínimo para o exercício pleno da cidadania. Em ciências, o número chega a 55% e, em leitura, 50%. Os índices estão estagnados desde 2009.

Esta avaliação é realizada a cada três anos e possui a finalidade de medir até que ponto os jovens de 15 anos adquiriram conhecimentos e habilidades essenciais para a vida social e econômica. Diante da desmotivação que esses resultados representam, também surge a vontade de querer transformar este cenário para que o ensino faça sentido na vida de cada aluno. Entretanto, há outros motivos que contribuem para o quadro de analfabetismo funcional, como: a evasão escolar; a desestabilidade família; a desigualdade social; a violência no ambiente escolar entre outros. Tudo isso distancia os alunos do convívio educacional, contribuindo para as altas taxas de analfabetos funcionais.

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), os indicadores de fluxo escolar de estudantes da educação básica brasileira até a transição 2016/2017 (2016). De acordo com esses indicadores, houve uma melhoria nos indicadores que avaliam a permanência dos alunos no sistema educacional, em comparação com ao último dado publicado (2014).

Vale ressaltar que a taxa de evasão no último segmento do ensino fundamental caiu de 5% para 4,3%, na transição dos anos 2016 e 2017. Para o mesmo período, no ensino médio passou de 11,1% para 9,1%. Nos anos iniciais do ensino fundamental, a taxa de repetência passou de 7,4% em 2014 para 7,1% em 2016 e a evasão escolar caiu 0,1%, atingindo 1,5% em 2016.

Conforme a pesquisa do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP), a evasão escolar continua sendo uma problemática em nosso país. A princípio, essa baixa de 0,70% não deixa de ser positiva, mas em um país com tanta desigualdade e complexidade, temos um longo caminho a percorrer no que se refere a evasão escolar. São vários aspectos que influenciam na evasão escolar. As condições socioeconômicas, culturais, a falta de incentivo dos pais durante essa fase educacional.

Conseqüentemente, a desmotivação, a falta de integração e a ausência de acolhimento tanto da família quanto da escola fazem com que a participação por parte do aluno no meio escolar não seja prazerosa. A carência de afetividade e a baixa autoestima tomam espaço no emocional de certos alunos e eles não conseguem enxergar uma perspectiva para encarar a sala de aula. Por isso, muitas crianças e jovens deixam a escola com a intuito de trabalhar e ajudar a família na sobrevivência do dia a dia. O distanciamento geográfico da casa do aluno até a escola também dificulta a assiduidade, uma vez que alguns pais não possuem transportes para levar seus filhos à escola, porque o dinheiro que seria empregado na condução é direcionado a outras prioridades da família. Ademais, se em uma classe tem mais alunos que deveria ter, o professor terá dificuldade de detectar as fragilidades de seus alunos.

O analfabetismo funcional passou muito tempo sendo camuflado no meio social, pois para muitos aprender a escrever e a ler era o suficiente para se considerar um indivíduo apto a exercer a sua cidadania. No entanto, com o avanço da modernização, fez-se necessário ainda mais a qualificação das pessoas para conseguirem êxito em vários segmentos da sociedade. A partir dessa investigação,

os problemas ficaram mais evidentes, uma vez que se espera de uma pessoa que passa por cada ano letivo é o desenvolvimento do básico exigido em cada disciplina durante o período escolar. As habilidades de compreensão e interpretação de texto estão aquém na vida do analfabeto funcional, isso prejudica muito o crescimento pessoal do sujeito.

No final da década de 1970 cunha-se, portanto, o conceito de analfabetismo funcional e passa a ser considerada analfabeta funcional a pessoa que não consegue “funcionar” nas práticas letradas de sua comunidade, embora seja alfabetizada. Ora, “funcionar” em atividades e práticas letradas muito diversas, que vão do pregão da feira livre à retirada de dinheiro com cartão magnético; de admirar uma vitrine do comércio central a ver um filme legendado; tomar ônibus a ler um romance, requer competências e capacidades de leitura e escrita mais amplas e muito diversificadas, que aqui opto por denominar (níveis de) alfabetismo. São aquelas competências e capacidades que figuram nos descritores para leitura e escrita de avaliações educacionais diversas, como o Pisa, o Saeb / Prova Brasil, o Enem, o PNLD etc. (ROJO, 2010, p. 25)

Por intermédio desse conteúdo descrito pela autora Roxane Rojo, foi possível entender o significado de analfabetismo funcional e o jeito que ele se desenvolve dentro da sociedade, para poder moldar a sua condição dentro da história da educação. Nessa perspectiva, quando refletimos sobre o cenário do ensino brasileiro especificamente das escolas públicas, o retrato que vem à mente é uma sala de aula repleta de alunos e o professor tentando mantê-los controlados.

Além disso, a realidade de algumas escolas mostra que o planejamento educacional não se preocupa em inovar nas práticas pedagógicas ou assegurar que todos os educandos aprendam de modo eficaz, porquanto os agentes educacionais estão mais concentrados em cumprir o calendário letivo. Dessa forma, destaca-se a importância de novos métodos para a evolução do ensino-aprendizagem, desde os primeiros anos de escolarização; ter profissionais da educação competentes e recursos materiais são essenciais para promover o aprendizado. É preciso estar atento a cada aluno a fim de perceber se há dificuldade de aprendizagem, identificando o entrave para poder tratá-lo.

Seguimos o ponto de vista da autora Andrade (2014), é necessário um reforço dentro de casa. O aluno que não tem um acompanhamento fora da escola torna-se um aluno sem rumo do que aprendeu, pois, a teoria precisa ser vivenciada para haver maior consolidação do conteúdo. Quando as atividades do educando não se tornam uma prioridade aos responsáveis, ele pode ficar sem entender a relevância de ter disciplina nos estudos e com isso seu rendimento escolar é abalado. Se

pararmos para pensar, que se acompanhamos esse aluno desde cedo em suas dificuldades de aprendizagem, podemos conseguir com que eles tenham uma perspectiva de vida diferente da realidade atual.

O analfabetismo funcional está presente no sistema educacional brasileiro que muitas vezes não oferta os recursos adequados para os docentes trabalharem, assim encontramos muitos alunos que estão despreparados para uma qualificação ou um processo seletivo de emprego, pelo motivo de ser analfabeto funcional, aquele que sabe ler e escrever, porém, não consegue usufruir dessas ferramentas de maneira completa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi realizar um estudo específico sobre o analfabetismo funcional dos alunos nos anos finais do ensino fundamental da escola pública. Essa temática está permeada de várias dimensões, e cada uma se apresenta de uma forma e em contextos distintos. Para nós, o conhecimento teórico amplia a compreensão da realidade como um todo e conseqüentemente o senso de pertencimento do sujeito no mundo. Assim, a alfabetização e o letramento caminham de mãos dadas para que o percurso de aprendizagem possa possibilitar mais autonomia aos educandos.

A educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental são de grande importância para o aluno, pois são a base de todo o processo educativo, no qual começam as descobertas de símbolos; a consciência fonológica e, dessa forma, acontecem a alfabetização e o letramento. Logo, se ficar alguma lacuna nessa trajetória de ensino-aprendizagem provavelmente o indivíduo experienciará dificuldades em assimilar e entender noções básicas no seu dia a dia.

O processo de alfabetização é desafiador e simultaneamente encantador, cada fase é marcada por lutas e conquistas. Por isso, não podemos menosprezar os erros e acertos dos alunos, nem pensar que eles não aprendem porque não querem, pois, temos a função de investigar quais são os possíveis entraves que estão dificultando o aprendizado para poder intervir de maneira eficaz.

Os fatores que causam bloqueios são muitos, então todos os envolvidos neste processo precisam buscar meios para mitigar o problema, agindo com a intenção de facilitar e aprimorar o desenvolvimento de cada aluno. Para tanto, o

analfabetismo funcional é bastante danoso e percorre toda a trajetória de vida do estudante, uma vez que as pequenas ações realizadas no cotidiano, muitas vezes, são despercebidas ou não compreendidas, como a sua linguagem oral e escrita, isso também afeta a sua criticidade diante de si próprio e das relações sociais.

Por fim, o investimento em um ensino público de boa qualidade poderá promover as reais mudanças necessárias para a diminuição dos alarmantes índices de analfabetismo funcional. Esse investimento pode ser feito pela implementação de métodos de ensino que atendam a necessidade específica de cada escola, como também a disponibilização de materiais bons para os profissionais do meio escolar e a capacitação dos professores para aperfeiçoar as suas habilidades e competências.

É fundamental reforçar que a política educacional deveria ser eficiente, trazendo para as escolas um planejamento capaz de alfabetizar e letrar os alunos com igualdade e equidade, deixando as escolas e educadores livres para fazerem o seu papel com responsabilidade. A responsabilidade é de todos, da família, da escola, da sociedade e do Estado. Com o comprometimento e trabalho conjunto desses agentes de transformação, a Educação pode alcançar um espaço de maior equidade e inclusão.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Fabiana. **A pedagogia do afeto na Sala de aula**. 2. ed. Recife: Prazer de ler, 2014.

CABRAL, Fábiana Moreira Squarça; CARVALHO, Maria Aparecida Vivan; RAMOS, Rosângela Mancini. **Dificuldades no relacionamento professor/aluno**: um desafio a superar. 2009. Trabalho de conclusão de curso (Pós-graduação em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Ciência e Letras de Ribeirão Preto, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, São Paulo, 2009.

DOLABELA, Fernando. **Empreendedorismo para crianças**. Recife: Editora Construir, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO - INAF. **Metodologia**. 2018. Disponível em ipm.org.br/inaf. Acesso em: 11 mar. 2021.

KRAMER, Sonia. **Alfabetização, leitura e escrita**: formação de professores em curso. 1 ed. São Paulo: Ática, 2001.

MATTA, Sozângela Schemim. **Português linguagem e interação**. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2009.

MOLLICA, Maria Cecilia *et al.* **Do analfabetismo à violência**: contribuições da ciência da linguagem. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2020.

MASAGÃO, Vera Ribeiro. **Alfabetismo Funcional**: referências conceituais e metodológicas para a pesquisa. 2001. Centro Estadual Educação e Sociedade – Cedes, Campinas – SP, 2001.

NAOE, Aline. **Superação do analfabetismo permanece como meta não alcançada**. 2011. Laboratório de estudos avançados em jornalismo Unicamp – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2011.

RIBEIRO, Vera Masagão. **Alfabetismo funcional**: referências conceitos e metodológicas para a pesquisa. 2001. Trabalho de Conclusão de Curso (Doutorado em Filosofia e Educação) - Centro de Estudo Educação e Sociedade – Cedes, PUC, São Paulo, 2001.

SILVA, Ceris Salette Ribas. O processo de alfabetização no contexto do ensino fundamental de nove anos. In: RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues (org.). **Língua portuguesa**: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 37-64.

SOARES, M. B. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte, MG: Ceale/Autêntica, 1998.

SMOLE, Kátia Stocco. A BNCC e o ensino fundamental. In: EQUIPE EDUCACIONAL DA FTD (org.). **BNCC na prática**. São Paulo: FTD, 2018. p. 41-53.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo-RS: Feevale, 2013.

NORMAS PARA ELABORAÇÃO DO TRABALHO CIENTÍFICO

NBR 14724:2011 – TRABALHOS ACADÊMICOS

NBR 6028:2008 – RESUMO

NBR 6027:2007 – SUMÁRIO

NBR 6024:2003 – NUMERAÇÃO PROGRESSIVA DAS SEÇÕES DE UM DOCUMENTO ESCRITO

NBR 6023:2018 – REFERÊNCIAS

NBR 10520:2002 - CITAÇÕES